

# Sarney recebe notícia de manhã.

**Brasília** — O presidente José Sarney recebeu a notícia às 9 horas da manhã. A boa nova chegou ao presidente na forma de um telefonema vindo de Washington, do ministro da Fazenda, Dilson Funaro.

Cansado, mas eufórico com o resultado das negociações com as autoridades econômicas norte-americanas, Funaro — que, logo depois do telefonema viajou a Nova Iorque, para exames médicos, no Aloane Keltering Memorial Hospital —, afirmou para Sarney que o Brasil obteve “uma excelente vitória”. E passou a relatar detalhadamente suas difíceis conversas com o presidente do banco central dos Estados Unidos, Paul Volcker, e com o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, na quinta-feira.

Apesar dos elogios a Funaro, que chegarão até os banqueiros no telex assinado por Larosière, o diretor-gerente do FMI manifestou algumas ressalvas ao pacote econômico aprovado pelo Congresso nacional na madrugada de 5 de dezembro, e

explicado minuciosamente às autoridades norte-americanas num documento que precedeu o ministro da Fazenda, em Washington.

No mesmo telex, Larosière dá um crédito de confiança ao ministro da Fazenda como condutor da política de ajustamento da economia brasileira e alerta para certos riscos de uma receita tão pouco ortodoxa como a que o país vem adotando.

## Corda esticada

A conversa de Funaro com Paul Volcker, que durou pouco mais de duas horas, foi difícil e tensa, porque o presidente do Federal Reserve (banco central) insistia na necessidade de o Brasil se aproximar das teses do FMI, na sua política econômica, sem o que os bancos não concederiam a prorrogação dos créditos ao país (o acordo sobre as linhas de curto prazo vencem no próximo dia 17). Funaro argumentou em contrário, colocando de maneira muito clara os compromissos políticos do presidente Sarney e a necessidade de

crescimento do país, da qual seria impossível fugir.

O ministro insistiu no grande esforço de ajustamento fiscal que o pacote anunciado no final de 85 representa. Falou sobre o compromisso do governo em buscar a austeridade do setor público e garantiu que “se o FMI esticasse a corda”, seria o responsável por um impasse extremamente inquietante, entre o Brasil e as instituições financeiras internacionais.

A segunda conversa, com Larosière, foi um pouco mais fácil, embora ele não tenha economizado referências pouco favoráveis ao Brasil, em relação aos créditos de bancos norte-americanos junto ao Comind, Auxiliar e Maisonnave, que ficaram prejudicados com a liquidação extrajudicial dessas instituições. Jacques de Larosière, no entanto, terminou considerando que a análise técnica do pacote fiscal e econômico, no seu conjunto, mostrava que ele era positivo e concordou em dar o seu aval.